

Arthur Bispo Antes do Rosário: A saga de um marinheiro nordestino entre o boxe e o convés através dos jornais cariocas (1928-1938)¹

Arthur Bispo Antes do Rosário: The saga of a nordestine sailor between boxing and deck through the Rio de Janeiro's newspapers

Anderson da Silva Almeida

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF, onde também fez seu mestrado em História e especializou-se em História Contemporânea, possui licenciatura em História pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Atualmente é Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, atuando na Graduação e Pós-Graduação.

RESUMO

As trajetórias de vida construídas a partir das relações entre história, memórias e as diversas fontes – impressas ou não - têm se constituído em um campo fértil na historiografia brasileira do século XXI. Sem cair na armadilha do que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1998), inúmeros autores, independente da dimensão teórica com a qual dialoga, vêm se dedicando a produzir pesquisas que articulam indivíduos e coletividades, sujeitos e contextos, o eu e o nós. Em diálogo com

ABSTRACT

The life trajectories built from the relationships between history, memories and the various sources - printed or not - have constituted a fertile field in the Brazilian historiography of the 21st century. Without falling into the trap of what Pierre Bourdieu called a “biographical illusion” (Bourdieu, 1998) countless authors, regardless of the theoretical dimension with which they dialogue, have been dedicating themselves to producing research that articulates individuals and collectivities, subjects and contexts, the self and

¹ Artigo recebido em 16 de abril de 2023 e aprovado para publicação em 29 de maio de 2023.
Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V.19, nº37, p. 73-89 – 2023.

essa perspectiva, este texto apresenta um esforço de explorar esse tipo de abordagem baseado no personagem Arthur Bispo do Rosário, que a partir da década de 1980 passou a ser destacado como um gênio que viveu entre a arte e a loucura, por ter vivido como interno no Rio de Janeiro – após diagnóstico de esquizofrenia –, por mais de quatro décadas. Neste artigo, a ênfase será sobre o período em que o personagem nordestino e negro foi um militar da Marinha de Guerra do Brasil e atleta de boxe. O foco é a década de 1928 a 1938. As principais fontes são os jornais do período mencionado, que foram digitalizados e estão disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, como também a bibliografia especializada sobre o personagem, particularmente as contribuições de Luciana Hidalgo (1996); Flávia Corpas (2014); e Viviane Borges (2019).

PALAVRAS-CHAVE: Arthur Bispo do Rosário; Trajetória; Marinheiro; Boxe; Jornais.

the we. In dialogue with this perspective, this text presents an effort to explore this type of approach from the character Arthur Bispo do Rosário, who from the 1980s onwards came to be highlighted as a genius who lived between art and madness, for having lived as an intern in Rio de Janeiro – after being diagnosed with schizophrenia - for more than four decades. In this article, the emphasis will be on the period in which the northeastern and black character was a member of the Brazilian Navy and a boxing athlete. The focus is on the period 1928-1938. The main sources are the newspapers of the mentioned period that were digitized and are available in the Hemeroteca Digital Brasileira, as well as the specialized bibliography on the character, particularly the contributions of Luciana Hidalgo (1996); Flávia Corpas (2014) e Viviane Borges (2019).

KEYWORDS: Arthur Bispo do Rosário; Trajectory; Sailor; Boxing; Newspapers.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por volta das 19 horas, na noite de 5 de julho de 1989, após ser acometido por um infarto do miocárdio, faleceu na Colônia Júlio Moreira, no Rio de Janeiro, o interno Arthur Bispo do Rosário, que já possuía um quadro de arteriosclerose. Inicialmente seu corpo foi enterrado em cova rasa, após cinco dias do falecimento, e depois fora transferido para uma sepultura, depois da intervenção “de um grupo de artistas que, na época, já se interessavam por seus objetos [...]” (CORPAS, 2014, p. 75-76). Aquele senhor negro, que carregava a idade de oitenta anos, não era visto pelos demais internos da colônia psiquiátrica como um desconhecido qualquer. Entre idas e vindas, ele estava por ali há cerca de cinquenta anos, após fugas, saídas autorizadas, trabalhos remunerados e não remunerados, até o retorno definitivo em 1964 (CORPAS, 2014, p. 51-56). Diagnosticado com esquizofrenia paranoide, o “famoso” morador havia sido descoberto no campo artístico há cerca de uma

década antes de ter “encantado”. Suas primeiras aparições midiáticas, ainda como coadjuvante, datam de 1980.

Em artigo publicado em 2019, na revista *Artes e Ensaios*, a psicanalista Tania Rivera, professora do Departamento de Artes da Universidade Federal Fluminense, apresentou o contexto no qual surgiu a fagulha que deu origem ao processo de “reconhecimento da obra de Bispo do Rosário”, ainda em vida (RIVERA, 2019, p. 89). Em levantamento realizado em obras de referência – a exemplo do livro *Arthur Bispo do Rosário: arte além da loucura*, assinado por Frederico Morais e organizado por Flávia Corpas (MORAIS e CORPAS, 2013)¹ – e a tese da própria Flávia Corpas, defendida em 2014, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), Rivera apresenta alguns dados que sintetizam o que seria a emergência da trajetória artística de Bispo do Rosário.

No contexto da denúncia das condições sub-humanas nas quais se mantinham os pacientes nos hospícios, o jornalista Samuel Wainer Filho realiza em maio de 1980 uma matéria televisiva sobre a Colônia Juliano Moreira. Nessa emissão, Frederico Moraes vê ‘a figura de um homem negro, já desgastado pela idade e pela doença, sozinho em meio a uma barafunda de objetos os mais variados, bordando palavras, nomes, datas, imagens’. Em 1982, Frederico Moraes inclui os estandartes de Bispo na [mostra] *À Margem da Vida*, que levava ao [Museu de Arte Moderna] MAM-Rio trabalhos de presidiários, idosos moradores de asilos, crianças internas em instituições de reabilitação e pacientes psiquiátricos. No mesmo ano, o fotógrafo e psicanalista Hugo Denizart realiza, com verba do Ministério da Saúde, o documentário *O prisioneiro da passagem*, que faz do artista uma figura emblemática para o movimento antimanicomial no Brasil (RIVERA, 2019, p. 89, grifos do original).

Percebe-se, no trecho citado, a importância de Frederico Moraes como um dos responsáveis – se não o principal – por dar visibilidade e construir a imagem de Bispo do Rosário para além da esquizofrenia com a qual foi diagnosticado. Estas foram as principais homenagens e marcas do reconhecimento no campo artístico que Arthur Bispo recebera, antes de sua morte física.² As demais tentativas foram frustradas porque ele não mais aceitou separar-se de suas obras (*Jornal do Brasil*, 18 out. 1989, p. 4).

Passados pouco mais de três meses do ritual fúnebre, em matéria de página inteira assinada por Vilma Homero (1989)³ e publicada no jornal *Tribuna da Imprensa*, encontramos mais dados sobre o aparecimento de Bispo na condição de artista. Diz o texto que,

[...] Desde a primeira vez em que Frederico de Moraes pôs os olhos na figura

carismática do interno, num programa de tevê, e viu os trabalhos que ele criava com a sistemática necessidade interior de quem obedece a ordens divinas, ficara profundamente impressionado. E nem era pra menos. Os objetos recobertos por fios azuis que Bispo retirava do próprio uniforme, os painéis em que alinhava botões, sapatos, canecas, associando-os por cor, função ou forma, ou os mantos bordados e decorados com fitas coloridas, por sua contemporaneidade, o colocariam lado a lado com nomes como o de Marcel Duchamp, Hélio Oiticica [...], Tony Cragg ou os artistas do pop e do dada. Longe de se colocar em qualquer tendência e sem jamais ter ouvido falar em estilos artísticos, o ex-marinheiro e ex-boxeur criava, segundo as determinações ditas pelos sete anjos azuis que, numa tarde semelhante a várias outras de sua casa da rua São Clemente, em Botafogo, lhe apareceu numa aura de luz, desvendando a seus olhos a imagem de Cristo. A data da visão ele guardou muito bem. Foi a 22 de dezembro de 1938, conforme pode ser visto nos muitos painéis com nomes de pessoas, ruas e países que viria a bordar tempos mais tarde (*Tribuna da Imprensa*, 11 out. 1989, p. 13).

Para os limitados objetivos deste artigo, quero destacar as atividades e qualificações de “ex-marinheiro” e “ex-boxeur” sublinhadas na matéria. São indícios da existência de um passado antes do “louco” e do “artista”. Poucos dias depois, ainda em outubro de 1989, foi a vez do *Jornal do Brasil* dedicar toda uma página para divulgar a primeira exposição sobre Arthur Bispo organizada após sua morte. Mais uma vez, e não é coincidência, o destaque a Frederico Moraes, conhecido crítico no campo das artes plásticas que, nas décadas seguintes, se tornaria um dos principais conhecedores da vida e obra de Arthur Bispo do Rosário. Sob o título “Arte

refaz o universo”, a jornalista Cleusa Maria⁴ apontou que:

Dele pouco se sabe antes do mergulho na loucura. A não ser que trabalhou na Marinha Mercante (sic), tentou ser boxeador profissional e que, um ou dois dias após uma visão esquizofrênica – na qual falou com Deus – foi preso nas imediações da Cinelândia e internado no antigo hospício da Praia Vermelha – depois no pavilhão Ulisses Vianna da Colônia Júlio Moreira. A partir de hoje, a obscura história de Arthur Bispo do Rosário [...] está sendo exposta em três salas, no grande salão e no corredor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Jornal do Brasil, 18 out. 1989, p. 4).

Era Arthur Bispo sendo transformado, paulatinamente, em Bispo do Rosário. Para entendermos alguns aspectos de como se deu esta metamorfose, faz-se necessário retornarmos algumas décadas no calendário do século XX. Este mergulho retrospectivo nos levará de volta aos anos 1928-1938, período no qual ele já era destaque nos jornais do Rio de Janeiro e, curiosamente, outra arte, esta chamada de “nobre” pelos redatores diários, estava presente em seu cotidiano.

A principal questão que tentaremos responder nos parágrafos seguintes, em diálogo com os autores e autoras que pesquisam há muito mais tempo a trajetória do personagem, é: quem era Arthur Bispo antes da emergência de Bispo do Rosário?

O JOVEM BOXEUR E O ESPORTE NA MARINHA DOS ANOS 1930

A data mais provável do nascimento de Arthur é 14 de maio de 1909, na pequena cidade de Japaratuba, Sergipe; filho de Blandina Francisca de Jesus e do carpinteiro Adriano Bispo do Rosário. Embora haja divergências nos diversos documentos en-

contrados por seus biógrafos, há dois elementos que aparecem nas pesquisas sistematizadas por Frederico Morais e Flávia Corpas que contribuem para a versão aqui apresentada: o batismo de uma criança de mesmo nome, em 5 de outubro de 1909, na Igreja de Nossa Senhora da Saúde, em Japaratuba – com diferença apenas no primeiro nome do pai, mas literalmente a mesma mãe –, e um documento da Marinha onde consta o ingresso de Arthur Bispo do Rosário na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Sergipe, em 23 de fevereiro de 1925 (CORPAS, 2014, p. 36). A sede da instituição ficava na capital do estado, Aracaju, e o menino Arthur fora levado por seu pai, Adriano Bispo do Rosário, antes mesmo de completar 16 anos de idade, o que era muito comum na época, destacadamente para os jovens de famílias mais pobres.

De acordo com Luciana Hidalgo (1996, p. 33), “Arthur Bispo do Rosário costumava evitar o passado sergipano. Filho de Japaratuba [...], ele se recusava a falar da família, das raízes, das influências culturais. Quando lhe perguntavam sobre a origem, saía sem deixar pistas: ‘Um dia simplesmente apareci’”.

Comprovadamente, além das dúvidas resolvidas sobre sua origem geográfica, social e familiar, tem-se documentado que, no início de 1926, o jovem Arthur foi para o Rio de Janeiro dar prosseguimento à sua carreira de marujo, conforme inúmeras fontes apresentadas em vários trabalhos importantes sobre ele, a exemplo do livro de Viviane Trindade Borges (2019, p. 52) e da obra de referência construída por Luciana Hidalgo (1996).

As primeiras notícias que localizei sobre um jovem *boxeur* chamado Arthur Bispo datam dos primeiros meses de 1928. No dia 6 de maio o *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, noticiou que em luta realizada no dia anterior, como parte da inauguração do “stadium pugilístico”, um atleta conhecido

como Arthur Bispo foi derrotado por João Baptista. Ambos eram amadores e a luta foi decidida por pontos (*Gazeta de Notícias*, 6 mai. 1928, p. 16). Em 12 de março de 1929, ano que ficaria marcado na historiografia internacional pela quebra da bolsa de Nova York, o mesmo periódico noticiou que “Vieira Cid venceu com lisura o amador Arthur Bispo, que se portou à altura. [...] Arthur Bispo é também um amador de admiráveis qualidades e que tem um futuro na sua carreira. [...] Ambos, pelo brilhante combate, foram aplaudidos demoradamente pelo numeroso público (*Gazeta de Notícias*, 12 mar. 1929, p. 6). Dali em diante, até o início do ano de 1936, era comum encontrar seu nome nas páginas esportivas. Pouco a pouco, a identidade marinheira foi aparecendo também no noticiário.

Naquele mesmo ano, “o então jovem sinaleiro solicitou a carteira de identidade, e o Gabinete de Identificação da Armada o registrou sob o número 15191”. E ainda, [...] “Côr: preta; Cabellos: pretos pixaim; Barba: feita; Bigodes: feitos; Olhos: cast. esc; Supercílios: pretos; Altura: 1,63m” (HIDALGO, 1996, p. 77-78).

Ainda em 1929, o *Gazeta de Notícias* destacou, inclusive com uma fotografia de corpo inteiro, o seguinte título: “Arthur Bispo, um valente marujo, peso leve que muito promete.”



FIGURA 1. Arthur Bispo em destaque no jornal *Gazeta de Notícias*.
FONTE: *Gazeta de Notícias*, 13 nov. 1929, p. 6

Na semana seguinte, as atividades do atleta como integrante da Marinha ficariam mais que evidenciadas para o grande público:

Arthur Bispo quer ser pupílio do nosso companheiro Rodrigues Alves.

‘Por motivo de ter que seguir amanhã para a Ilha Grande em serviços militares deixou em nossa redacção a seguinte carta o boxeur A. Bispo: ‘Prezado sr. Rodrigues Alves. Tendo que sahir hoje para a Ilha Grande por motivo de manobras militares peço ao empresário fazer o meu combate logo depois de regressar, apesar de ter estado eu sempre prompto a combater até a ultima transferencia. Sendo o grande mestre uma das maiores autoridades em matéria pugilística, teria grande prazer que fosse meu manager. Sem mais sou o amigo – Arthur Bispo (Gazeta de Notícias, 19 nov. de 1929, p. 6, ortografia do original).

Na volta de sua viagem a trabalho, mais notícias,

Arthur Bispo já chegou, os leves que se acatelem

Com a volta da esquadra ao Rio de Janeiro, chegou o peso leve Arthur Bispo, uma das mais sérias revelações do anno. Bispo, que não parou um momento de treinar, encontra-se em optima forma de, segundo declarou à Gazeta, deseja-se ardentemente bater-se com Joe Assobrab, a quem lança, por nosso intermédio, um repto (Gazeta de Notícias, domingo, 22 dez. 1929, p. 10, ortografia do original, grifos nosso).

Ao que parece, não era só a imprensa esportiva e os “empresários” do mundo do box que estavam de olho naquela jovem promessa da Armada. Se levarmos em conta a data mais provável do seu nascimento tal qual relatei acima, em 1929 ele teria aproximadamente 20 anos e a pró-

pria Marinha de Guerra, pelo que consta nas fontes, incentivava a prática do boxe, visto que não é apenas o nome do sergipano que aparece com recorrência nos periódicos. Também pelas fontes jornalísticas, ficamos a saber que naquele ano Arthur Bispo estava servindo no Contratorpedeiro (CT) *Pará* e que em outros navios também havia atletas de destaque. Naquele navio, o apoio vinha do próprio comandante, Soares Dutra, e da oficialidade:

NOBRE ARTE

Factos e coisas do nosso Box, por Vampiro – O commandante e a officialidade do contratorpedeiro “Pará” incitando a maruja na pratica da ‘selfe-defense’ [...]. Os esforços dos Srs. Soares Dutra e Terra da Costa, respectivamente, commandante e immediato do contratorpedeiro “Pará”, afirm de que a maruja seja forte, praticando a self-safeuse.

Arthur Bispo dirige a secção de box

Não podemos deixar de congratular-mon-nos com o commandante do contra-torpedeiro Pará e sua digna officialidade pelo interesse que tem dispensado à pratica desportiva da briosa maruja daquela unidade de guerra.

*Compreendendo a finalidade da pratica da arte que o marquez de Ounsberry denominou nobre e vendo o interesse que os seus marinheiros dedicam ao box tendo à frente **uma das maiores esperanças do nosso box**, o peso leve Arthur Bispo, S.S poz a disposição deste valente e futurozo boxer todo o material necessário para que o aspirante possa progredir. Bispo gratíssimo pela gentileza dispensada pelo Sr. commandante Soares Dutra, seu immediato e a officialidade, procurou-nos hontem e cheio de contentamento disse – com a poderosa ajuda do meu commandante e a officialidade do navio que sirvo, actualmente, tenho fé que muito breve novos elementos surgirão em nossos rings, elementos esses que irão corresponder as especta-*

tivas de todos os que tem-nos ajudado [...] (Gazeta de Notícias, 25 dez. 1929, p. 4, grafia do original, grifos nosso).

Em seu texto biográfico sobre o personagem, Luciana Hidalgo destacou que “Bispo embarcou no *Dom Floriano*, destróier *Pará*, tender *Belmonte*, CT *Piauí*, encouraçado *São Paulo* e CT *Rio Grande do Sul*” (HIDALGO, 1996, p. 77). Em uma dessas belonaves mencionadas, o *Belmonte*, temos notícias do pugilista Tobias Bianna, nome muito presente nos combates de época que ostentava o apelido de “Leão do Norte”, e outro chamado “Crack” da Marinha, Walter, conhecido pela alcunha de “25” (Gazeta de Notícias, 10 jan. 1930, p. 6). No mesmo período, há referências elogiosas a Bispo de Oliveira, atleta do Regimento Naval (A *Batalha*, 26 abr. 1930, p. 4).



FIGURA 2. Tobias Bianna com o uniforme da Marinha em destaque no noticiário.

FONTE: Jornal A *Batalha*, 12 fev. 1931, p. 7

Desde pelo menos 1928, outro *boxeur* marinho aparecia com muita regularidade no noticiário. Tratava-se de José Alves, comumente chamado de “marujo de bronze”, apelido este que, pouco a pouco, a própria imprensa esportiva passaria a se referir a Arthur Bispo (*Diário Carioca*, 13 nov. 1928, p. 9). Entre os anos de 1930 e 1931 era muito comum, a depender do jor-

nal, que o mesmo epíteto fosse atribuído a ambos (jornal *A Batalha*, 26 abr. 1930, p. 4; 27 dez. 1930, p. 7; 7 jan. 1931, p. 7).

No início de 1930 – ao que parece em uma disputa velada – Arthur Bispo era assim referido pelos redatores do *Gazeta de Notícias*: “Arthur Bispo, apelidado pela sua formidável resistência, o ‘marujo de bronze’ vae reaparecer no próximo dia 13, contra Negrito. O ‘marujo de bronze’, por este motivo, já iniciou o seu preparo e pretende se apresentar em melhores condições (*Gazeta de Notícias*, 4 fev. 1930, p. 4, grafia do original). Em março de 1931, depois de referências seguidas a José Alves, o jornal carioca *A Batalha* o descreveu como “[...] um boxer da armada, que abusa do direito de ser forte, por isso foi cognominado o ‘marujo de bronze’ (*A Batalha*, 4 mar. 1931, p. 7). Conforme já explicado, durante pelo menos quatro anos, entre 1928-1931, constatamos o destaque do apelido pelo qual José Alves era conhecido. A análise que fazemos dessa pequena disputa diz respeito à necessidade da imprensa esportiva do período de fazer menção à atividade marinha daqueles atletas, como também uma referência direta à força física dos jovens navegantes, visto adjetivá-los como “de bronze”, pelo que ficou expresso, em virtude de suas “formidáveis resistências” e abuso “do direito de ser forte”.



FIGURA 3. Arthur Bispo, em 1931, com traje de marinheiro.

FONTE: Jornal *A Batalha*, 12 set. 1931, p. 7

Embora desde 1930 Arthur Bispo já aparecesse em fotografias oficiais como pugilista e o apelido viesse se consolidando pouco a pouco, foi em notícia de 1931 que visualizamos sua imagem em trajes de marinheiro. Em setembro de 1931, no jornal carioca *A Batalha*, uma imponente imagem de propaganda visivelmente objetivando a promoção da luta contra o português Annibal Prior.

Meses antes, o mesmo periódico já havia publicizado a informação de que o sergipano passara a trabalhar no navio *Belmonte*: “Arthur Bispo, o marujo que abusa do direito de ser forte e que actua na categoria dos leves, passou-se de armas e bagagens para o tender ‘Belmonte’” (*A Batalha*, 20 mar. 1931, p. 7). Era nesta embarcação que, naquele momento, estava a desenvolver suas habilidades marinheiras que tanto influenciariam sua produção artística no futuro. Na matéria publicada em setembro, período em que Bispo computava por volta de 22 anos de idade, uma evidente provocação publicitária:

*Hontem, recebemos a visita do resistente marujo bouseur Arthur Bispo. Veio elle nos pedir para lançar um desafio ao leve portuguez Annibal Prior e assim nos falou: - Eu estou em forma e me encontro na [Ilha de] Villegaignon, treinando muito. Dizem que Annibal Prior tem um socco do outro mundo e eu que ver de perto esse soco que assusta céos e terra (*A Batalha*, 12 set. 1931, p. 7, grafia do original).*

Durante todo o ano de 1931, mais visivelmente a partir do segundo semestre, na medida em que percebemos de forma cristalina a diminuição das matérias sobre José Alves – o primeiro “marujo de bronze” – evidencia-se um grande número de notas a respeito de combates do sinaleiro Arthur Bispo. Contudo, a partir do ano seguinte, outro militar começa a se destacar

nos confrontos de luvas e passa a rivalizar com o sergipano. Trata-se de Balthazar Cardoso, fuzileiro naval que já vencera o rival em combate anterior. A notícia é do *Jornal dos Sports*:

Arthur Bispo e Balthazar Cardoso, dois pesos leves da nossa Armada, bater-se-ão em revanche no dia 6 de junho próximo, no Democrata Circo. É uma luta que vem interessando bastante o pessoal da Armada onde os dois gozam de grandes simpatias. O primeiro combate foi vencido por Balthazar Cardoso, isto há cerca de dois anos. Desde então Arthur Bispo andou procurando obter a 'revanche' que finalmente conseguiu (Jornal dos Sports, 26 mai. 1932, p. 3).

A luta, que vinha sendo anunciada desde o mês de março foi vencida, por pontos, pelo fuzileiro Balthazar Cardoso, conforme notícia do próprio *Jornal dos Sports*, de junho daquele ano. A arbitragem foi do também marujo e pugilista Tobias Bianna (*Jornal dos Sports*, 7 jun. 1932, p. 4). O que fica explícito a partir do segundo semestre de 1932 é que as notícias sobre confrontos entre quadros da Armada e do Regimento Naval com seus adversários civis e também do Exército Brasileiro começam a ficar cada vez mais raras. Possivelmente, os esforços desprendidos pela Marinha de Guerra – inclusive com deslocamento de navios e de fuzileiros navais, no que diz respeito à chamada “Guerra Paulista” de 1932 – impossibilitaram seus atletas de se dedicarem com mais afinco às atividades esportivas extra caserna. Porém, indico aqui apenas como hipótese. Ainda se faz necessário uma pesquisa mais aprofundada.

Sobre o jovem atleta negro do Contratorpedeiro *Pará* e do *Belmonte*, ainda localizamos as alcunhas de “lobo do mar” (*Jornal dos Sports*, 4 jun. 1932, p. 3; 5 jun. 1932, p. 5). Posteriormente, em anos subsequentes, aparecerá o termo racista “co-

lored”, expressão que abordaremos na próxima seção deste artigo.

DA SAÍDA DA MARINHA AO SURTO DE 1938

Em maio de 1933, o *Jornal dos Sports* noticiou que o *boxeur* marinheiro estava em boa forma e que tinha visitado a redação daquele veículo de comunicação. Estava disposto a lutar tanto na categoria dos leves quanto dos meio médios. Complementando a nota, uma informação sobre uma mudança de local de trabalho na Armada: “Bispo, que pertencia ao [navio encouraçado] *São Paulo*, está agora no [contratorpedeiro] *Piauhy* à disposição de qualquer pugilista ou empresário” (*Jornal dos Sports*, 6 mai. 1933, p. 6). Se atentarmos para os fatos que acontecerão posteriormente a essa transferência, percebe-se que a vida do cabo sinaleiro Arthur Bispo não estava “de vento em popa” como nos tempos do Contratorpedeiro *Pará*, quando o prestigiado atleta gozava de todo apoio do comandante Soares Dutra e da oficialidade embarcada.

Passados exatamente 32 dias da notícia de seu embarque no *Piauhy*, chegaria ao fim a carreira na Marinha de Guerra do cabo sinaleiro Arthur Bispo do Rosário. Desde seu ingresso em Sergipe até sua exclusão, passaram-se intensos oito anos e quatro meses de atividades náuticas que marcariam profundamente os próximos anos da vida do personagem. De acordo com Flavia Corpas, “Bispo do Rosário foi excluído da Marinha em 08 de junho de 1933, por indisciplina. O que sabemos por sua caderneta registro é que ele faltava, [e] não se apresentava em serviço. Provavelmente, o fato se dava em decorrência de lutas e treinos” (CORPAS, 2014, p. 41-42). Seguindo as fontes da autora, consultamos a edição do jornal *Diário Carioca* que noticiou, dias depois, a saída de Arthur Bispo da Marinha. O texto sugere que

o “marujo de bronze” não estava atuando nos “rings” com tanta regularidade:

Vocês se recordam de Arthur Bispo? Certamente, alguns dirão que sim, em quanto outros responderão – não. A estes diremos isto: É um mixto de Waldemar Januário, Virgolino de Oliveira e Waldemar Moraes. Isto posto, vamos ao resto. Arthur Bispo era cabo signaleiro do Corpo de Marinheiros Nacionaes e servia a bordo de um dos nossos vasos de guerra. Antehontem, Bispo esteve em nossa redacção. Vinha nos dar uma nova. Havia deixado a Marinha e ia se dedicar única e exclusivamente, ao box. Ainda por momentos Arthur Bispo conversou comnosco, terminando a palestra com o seguinte: ‘Achando-me na classe dos médios, vou treinar com cuidado para me defrontar com Rubens Soares, o mesmo que vem fazendo furor no momento’ (Diário Carioca, 24 jun. 1933, p. 10, grafia do original; ver também CORPAS, 2014, p. 41).

Flavia Corpas nos chama a atenção para um fato um tanto curioso. Das 35 lutas de Bispo mapeadas pela pesquisadora – sendo 33 como profissional de duas como amador – o “lobo do mar” foi derrotado 30 vezes entre os profissionais. A conta fecha com dois empates e “uma vitória, por nocaute, o que lhe deu o título de campeão dos pesos-leves da Armada” (CORPAS, 2014, p. 40). De onde viria então a fama de bom lutador? Ao que parece, ter o marujo Arthur Bispo em ação era sinal de luta longa e sempre decidida por pontos. De todas as suas derrotas no tempo em que atuava na Marinha, nenhuma foi por nocaute. O prestígio de Bispo no meio esportivo dava-se, exatamente, por essa “capacidade de apanhar”. A força do signaleiro negro e nordestino não era ofensiva, visto que não localizamos elogios por sua capacidade técnica, mas sim por sua resistência nos combates. No futuro não

tão distante, o próprio personagem – entre momentos de lucidez e devaneios – iria indicar que os golpes “diretos e cruzados” recebidos no tempo de atleta, seriam a causa principal de sua frágil saúde mental (CORPAS, 2014, p. 37).

Ainda sobre a saída de Bispo da Marinha, Flavia Corpas apontou a existência de certo ressentimento do marujo em relação a algumas dificuldades que teria enfrentado para manter as duas atividades. Segundo palavras do próprio atleta “Resolvi cair fora porque os oficiais não gostavam de marinheiro no jornal. Me prendiam quando eu tinha lutas marcadas com empresários (BISPO DO ROSÁRIO, 1988 *apud* CORPAS, 2014, p. 40). Contudo, há de se ressaltar que, pelas notícias dos jornais, fica evidente que esta atitude de parte do oficialato não foi homogênea em relação a Arthur Bispo, em específico, e ao boxe na Marinha em geral.

As próprias notícias que apontamos aqui indicam vários atletas da Armada e do Regimento Naval em destaque na imprensa, como também apoios e incentivos de comandantes e imediatos (subcomandantes), como foi o caso do CT *Pará*, o comandante Soares Dutra e o imediato Terra da Costa. Outro indício que aponta para certa “permissão” da Marinha, quando não o apoio desvelado, é a presença de praças nas manchetes jornalísticas ostentando seus uniformes militares. Contudo, não podemos desacreditar as palavras de Bispo. Sem dúvida, como as interpretações dos regulamentos militares envolvem um alto grau de subjetividade, em algum momento de sua trajetória certamente ocorreram incompreensões mútuas, abusos de autoridade, conflitos e insubordinação.

Luciana Hidalgo (1996, p. 78-79) transcreveu trechos do Boletim do Ministério da Marinha que publicou a exclusão daquele corpo negro desobediente. A “assi-

natura” é do então Ministro Protógenes Pereira Guimarães:

Ministério da Marinha (Gabinete do Ministro, em 8 de junho de 1933). N. 1962. Do Ministro da Marinha – Ao Sr. Diretor Geral. Assunto: exclusão de praça. 1. De acordo com o artigo 41 do Regulamento Disciplinar para a Armada, ora resolvo excluir do serviço da Armada, a bem da disciplina, o m.n.n 15148 – PE ST-1ª classe ARTHUR BISPO DO ROSARIO [...].

Em uma publicação mais atual do que as pesquisas de Luciana Hidalgo e Flavia Corpas, Viviane Trindade Borges apresentou pormenores sobre a vida militar de Arthur Bispo. De posse da documentação da Marinha, Borges expôs rastros e pistas que nos levam a afirmar que, sem dúvidas, não há como apontar um comportamento linear do grumete sergipano no período em que esteve nos quadros da mais antiga das Forças Armadas. A primeira punição foi registrada em setembro de 1926. Não aparece o motivo explícito. Consta, apenas, a informação: “punição por faltar leis” (BORGES, 2019, p. 52). Na mesma fonte, há inúmeras referências de “exemplar comportamento”. Aliás, esta é a anotação mais recorrente. Contudo, entre as penas mais severas aplicadas ao jovem marujo, registrou-se que “Foi infringido [ilegível] por 20 dias no mez de Maio 1930”; “Foi punido por 15 dia-s de insulamento [...] mez de julho de 1929. [...] “Foi punido com 8 dias de solitária no mez de Agosto de 1929” (BORGES, 2019, p. 52). Outras punições voltariam a ser registradas só a partir de 1932, mais precisamente no mês de julho, exatamente um ano antes do seu desligamento da Armada.

O fato notório é que em 1933 não temos grandes atividades de Arthur Bispo no mundo esportivo. Após sua saída da Marinha em junho, apenas mais uma nota. O *Diário Carioca*, de 23 de julho, um do-

mingo, anunciava não uma luta, mas um “espetáculo pugilístico” que seria realizado no Circo Buffalo Bill, armado na Rua Sacadura Cabral. A organização do evento ficou por conta da Empresa de Boxe conhecida como “Luso-Brasileira”. Bispo enfrentaria o sempre presente Tobias Bianna na quinta-feira, dia 27, data do espetáculo anunciado em homenagem a Rubens Soares e ao Club Policial (*Diário Carioca*, 23 jul. 1933, p. 22).

Ao sair da Marinha, Bispo teria ficado alguns meses trabalhando como autônomo e fixou residência na região da Praça XV, mais precisamente no número 43, na edificação conhecida como Arco do Teles. Antes que virasse o ano, em 29 de dezembro de 1933, foi admitido na Empresa Light e passou a exercer a função de lavador (CORPAS, 2014, p. 42).



Figura 4. Arco do Teles no início do século XX.
Fonte: Site Diário do Rio⁵

O registro seguinte de seu nome nos diários cariocas aparece na segunda quinzena de julho de 1934. Uma nota do *Jornal dos Sports* destacou que “No Estadinho da Lapa o Espectaculo de domingo – Tavares Crespo enfrentará Arthur Bispo” (*Jornal dos Sports*, 19 jul. 1934, p. 5, grafia do original). Crespo, que aparece em vários desafios contra Bispo, era um conhecido atleta português, indicado nos periódicos como ex-campeão em seu país. Naquele contexto, ambos já eram apontados como veteranos no esporte (*Jornal dos Sports*, 26

jul. 1934, p. 3). Ressalta-se que o sergipano tinha por volta de 25 anos no período em destaque. A última luta daquele ano na qual o nome do ex-cabo foi mencionado, encontramos no *Gazeta de Notícias*: “No Stadium Riachuelo será iniciada, esta noite, a serie de espectáculos populares que a Brasileira Pugilista achou por bem organizar. [...] A novidade da noite será o reaparecimento de Tavares Crespo, que, em sua reprise, irá cruzar luvas com Arthur Bispo (*Gazeta de Notícias*, 22 nov. 1934, p. 12, grafia do original).

No alvorecer de 1935 fica evidente que a imprensa esportiva ainda não sabia como se referir ao ex-marinheiro, visto que os apelidos “marujo de bronze” e “lobo do mar” não mais faziam sentido. Contudo, fica comprovado que, cada vez mais, Bispo estava em fase de transição no esporte. Com recorrência, encontramos o sinaleiro exercendo a função de *sparring* entre 1935 e 1936. Junto a esta nova fase, período no qual o sergipano também aparece nos jornais como uma espécie de analista de atletas e comentarista entrevistado, surge a expressão “colored”, uma sonora e indiscreta alusão racista à sua cor, mesmo em textos supostamente elogiosos.

Uma entrevista de Arthur Bispo, ‘Sparring’ do vencedor de Justo Suarez Pelo facto de Arthur Bispo ter sofrido um ‘knock-down’, num treino com Victor Peralta, muita gente julgou-o fora de forma, ou então em precárias condições de saúde. É um erro. O ‘colored’ nunca esteve melhor. Na batalha com Seraphim Cardoso, foram assinalados progressos sensíveis. No decorrer destas últimas semanas, estes progressos só fizeram acentuar-se (Gazeta de Notícias, 25 mai. 1935, p. 12, grifo nosso).

O *knock-down*, mencionado pela *Gazeta*, foi destaque em outro periódico no dia anterior. Percebe-se, diante da surpresa da

queda em treino do ex-marujo, a naturalidade do uso da expressão racista acompanhada de irônico afeto.

Hontem, durante o treino de Victor Peralta, houve um episódio que causou sensação. Arthur Bispo era o ‘sparring’ do vencedor de Justo Suarez e o ensaio corria movimentadíssimo. Num dado momento o nosso ‘colored’, encosta-se de leve nas cordas. Peralta investe, rápido, e desfere um directo que o ighter no maxilar superior [...]. Bispo caiu como uma massa. É verdade que se refez rapidamente. Mas o ‘knock-down’ fora typico, inconfundível. Não se podia sequer pensar na hypothese de um ecorregão. (Diário Carioca, 24 mai. 1935, p. 15, grafia e grifos do original).

Na realidade, ao analisarmos diversos jornais do Rio de Janeiro dos anos 1930, percebe-se que o “colored” que passou a ser atribuído a Arthur Bispo era um epíteto requentado que foi utilizado em referência aos pugilistas negros. Como exemplo, encontramos a mesma alcunha aludida a um boxeur conhecido na época como “Jack Tigre”, a quem completavam as referências racistas com o epíteto de “mulatinho rosado” (*Diário Carioca*, 8 fev. 1930, p. 8). O mesmo tratamento encontramos nos textos sobre o fuzileiro naval Balthazar Cardoso, também apelidado de “Kid Chocolate brasileiro” (*Diário Carioca*, 18 set. 1932, p. 6).

Um dos textos mais jocosos que reforçam nossa afirmação foi publicado no mesmo *Diário Carioca*, em novembro de 1932. Os atletas mencionados foram Virgolino de Oliveira – também conhecido como Lampeão ou Lindinho do Cattete – e outro chamado apenas de Negrito:

[...] O Lindinho do Cattete esteve hontem em nossa redacção. Acompanhava-o Negrito, o antigo creolo

de Caversario e, ora, aqui no Rio, com Lampeão. A próxima luta de Lindinho com Rubens Soares foi o móvel de sua visita. [...] Virgolino, o resistente **colored**, é um dos pugilistas mais experimentados que temos. Tem enfrentado os melhores fighters nacionais e estrangeiros, sempre com êxito, quando conseguem superá-lo, o que custa um trabalho insano, o fazendo por pontos (Diário Carioca, 22 nov. 1932, p. 09, grifos nosso, grafia do original).

Não é coincidência o fato de não encontrarmos nos periódicos pesquisados expressões jocosas em matérias que destacam atletas brancos ou não negros. A ausência de um apelido que substituísse a profissão anterior de Arthur Bispo e as já conhecidas expressões “marujo de bronze” e “lobo do mar”, foi rapidamente preenchida pelo termo racista “colored”⁶. Uma das imagens que mais nos impressionou sugere que o número de atletas negros no âmbito do boxe era imensamente inferior ao de pugilistas brancos.



Figura 5. O atleta Jack Tigre entre quatro brancos.
Fonte: *Diário Carioca*, 4 mai. 1935, p. 15

Nas informações publicadas logo abaixo da imagem, lê-se: “No programma de hoje à noite figuram dois combates e fun-

do. No ‘clichê’ acima vemos Jack Tigre e Di Lauro, Tiritico, Manoel Pires e Seraphim Cardoso, que, dentro das regras pugilísticas, procurarão os louros da victoria” (*Diário Carioca*, 4 mai. 1935, p. 15). Nota-se que apenas um atleta branco foi mencionado por apelido.

A imagem é de impressionante poder de síntese quando fazemos o cruzamento com a matéria de Marcelo Antonio Ferreira publicada no jornal *O Globo*, em 2021, na qual consta a informação, que data de 1959 – ou seja, cerca de duas décadas depois do contexto que estamos analisando – a presença dos primeiros atletas negros do boxe brasileiro a se destacar em um Pan-Americano. Waldemiro Pinto e Abrahão de Souza foram os representantes do Brasil em Chicago.⁷

De volta ao nosso personagem, ao longo de 1935 ainda é possível encontrarmos algumas notas e reportagens sobre Arthur Bispo no mundo do boxe, mesmo exercendo atividades em subsidiárias da Empresa Light and Power desde 1933, a exemplo da Viação Excelsior, onde atuou também como vulcanizador.⁸ Em abril, o *Jornal dos Sports* ouvira Bispo como uma espécie de especialista e veterano, mesmo contando apenas com aproximadamente 26 anos de idade: “Peralta está em condições extraordinárias. As impressões de Arthur Bispo” é o título da nota que logo abaixo reproduziu um pequeno texto que comprova a nova função que o sergipano passara a ocupar naquele universo, em paralelo à vida ativa de *boxeur*:

Arthur Bispo, um resistente peso leve que foi da nossa Armada, está treinando diariamente com Victor Peralta. [...] Hontem, Arthur Bispo disse-nos: ‘Peralta está em condições extraordinárias. É um boxeador de pegada violenta e precisa de mais rapidez de movimentos desconcertantes. Para mim, dificilmente

te Annibal Prior será vencedor. Falo porque treino diariamente com o Peralta (Jornal dos Sports, 23 abr. 1935, p. 3).

No mês seguinte, Bispo volta a ser notícia ainda na condição de lutador valente e combativo. Em disputa contra o português Serafim Cardoso, vencida por este sob protestos da plateia, o mesmo *Jornal dos Sports* relatou o que teria sido uma “luta violenta, entrecortada de fases de sensação. Os dois se entregaram com energia, realizando um bello combate. Arthur Bispo reapareceu em excellentes condições, valente e combativo” (*Jornal dos Sports*, 5 mai. 1935, p. 6, grafia do original).

Foi nesse mesmo período que ocorreu o primeiro “Knock-down” que mencionei anteriormente e onde também aparece uma reflexão crítica do “marujo de bronze” no que diz respeito às suas limitações técnicas como atleta de boxe. Passagem esta já bem analisada por Flávia Corpas (2014, p. 40):

[...] - Sempre me faltou orientação tecnica segura. Foi o meu mal e o mal de muitos boxeur de qualidades no Brasil. Sem nada conhecer de box, garoto ainda, fizeram-me calçar umas luvas e servir de armazém de pancadas, nos treinos contra homens fortísimos, meio médios, médios etc. Mas nunca nenhum conseguiu derrubar-me. Sofri meu primeiro knock-down treinando com Victor Peralta. Ninguém pode calcular a eficiencia do socco deste homem! Olhe que nesses últimos tempos tenho treinado com verdadeiros cracks. [...] Como ‘sparing’ delle lucrei muitíssimo. Sinto-me outro. O knock down que soffri, não tem importância maior. Pelo contrário, deu-me experiencia. Se algum pugilista de minha categoria duvidar disto, estou prompto a dar-lhe uma demonstração em cima do ring (Jor-

*nal dos Sports, 25 mai. 1935, p. 03, grafia do original).*⁹

Percebe-se que, apesar das palavras enfáticas e a alta promoção que teve a fala de Bispo ao ser reproduzida em pelo menos três jornais, fica evidente nas entrelinhas que o contexto era de reflexões, incertezas, dúvidas e muitas ponderações. Contudo, é fato que não encontramos em nenhuma matéria qualquer treinador ou orientador técnico do jovem marujo. O filho de Balbina Francisca de Jesus teria dali em diante pouco mais de seis meses de carreira e poucas lutas a disputar, mas não seria por desistência. Em algumas matérias do mês de agosto ele é destacado como “sparring” de Tobias Bianna (*Gazeta de Notícias*, 8 ago. 1935, p. 11), outro marujo que já mencionamos neste texto e que naquele momento ostentava o título de campeão brasileiro dos médios (*Gazeta de Notícias*, 9 ago. 1935, p. 120).

Além do trabalho com Bianna e dos já citados confrontos com o português Serafim Cardoso, seu principal adversário no segundo semestre de 1935 foi o argentino José Bargola. Em luta programada para ocorrer contra o argentino no dia 14 de setembro, no denominado Estádio Brasil, Bispo foi promovido como alguém “em esplendidas condições” (*Jornal do Sports*, 14 set. 1935, p. 5, grafia do original). Ainda em setembro, mais um combate, desta feita contra Antonio Mesquita (*Gazeta de Notícias*, 25 set. 1935, p. 12).

O nome de Bispo ainda era mencionado com destaque nos jornais e parecia que demoraria ainda muito tempo para sua aposentadoria dos ringues. Em outra matéria de divulgação da luta citada, ficamos a saber que seu adversário tinha algumas características em comum com o nosso personagem: “Arthur Bispo reaparecerá hoje”. A matéria fez alusão a “dois ‘valientes’: Antonio Mesquita x Arthur Bispo. O

'colored' terá no moreninho do encouraçado São Paulo, um adversário duro, resistente e capaz de alguma surpresa..." (*Jornal dos Sports*, 28 set. 1935, p. 3). Ou seja, além de pugilistas e "homens de cor", ambos tinham relação com a Marinha. Um, no passado. O outro, naquele presente.

Em dezembro, noticiou-se o empate com o marujo Antonio Mesquita (*Jornal dos Sports*, 12 dez. 1935, p. 4). A penúltima luta anunciada que localizamos nos periódicos foi contra o argentino Bargola, marcada para o dia 11 de janeiro de 1936 (*Jornal dos Sports*, 11 jan. 1936, p. 7). E, por fim, o último anúncio aparece no *Diário Carioca* de uma sexta-feira, 17 de janeiro. Trata-se de uma verdadeira "caravana" de pugilistas que saíria do Rio de Janeiro em direção à cidade de Nova Friburgo, no mesmo estado, em evento a ser realizado no estádio local cuja renda seria revertida para a Santa Casa do município. A viagem seria de trem. Bispo enfrentaria José Rinal, no domingo, 19 de janeiro de 1936 (*Diário Carioca*, 17 jan. 1936, p. 14). Não encontrei nos periódicos pesquisados os resultados da peleja.

Por que teria sido a última?

A pista foi localizada pelos biógrafos e demais pesquisadores da trajetória de Arthur Bispo justamente em um dos jornais que tanto divulgou os passos dele. Infelizmente, a notícia agora não estava nos espaços dedicados aos marinheiros nem aos esportistas. Numa página denominada "Mundanidades" do *Gazeta de Notícias*, do dia 25 de janeiro, ou seja, apenas cinco dias após a última luta, há um título que dá pistas sobre o ocorrido: "Os automóveis continuam fazendo vítimas" e, logo abaixo, "Atropelamentos e desastres". Segue a fatídica nota: "O operário da Light Arthur Bispo Paraizo (sic), de 24 anos de idade, residente à rua do Passeio, 42, foi vítima de um desastre de

omnibus, na estação da Light, à rua dos Voluntários da Pátria. Após medicar-se na assistência, foi recolhido ao Hospital Lloyd Sul Americano (*Gazeta de Notícias*, 25 jan. 1936, p. 7).

Não teria sido o primeiro acidente de Bispo na empresa. De acordo com Luciana Hidalgo, em agosto de 1935 ele sofrera uma contusão na perna esquerda, porém sem grandes consequências. Contudo, nesse segundo episódio, "teve parte do pé direito esmagada" (HIDALGO, 1996, p. 55-56).

Naquele julho de 1936, o mesmo *Jornal dos Sports*, que tanto divulgou os combates do jovem Arthur, noticiou que Bispo estava novamente hospitalizado e seria submetido a outra operação. A matéria fez alusão ao acidente que o deixou sob risco de amputação de um dos pés. Mesmo após ter alta, retornara ao hospital para realização de novo procedimento cirúrgico (*Jornal dos Sports*, 1º jul. 1936, p. 3).

Flavia Corpas localizou uma revista da Empresa Light, de 1937, na qual consta uma matéria com inúmeros elogios ao que eles chamavam de "mecânico inteligente e conhecedor de seu ofício e que na Garage do Largo dos Leões, onde trabalha, é um operário zeloso e estimado por todos. Bispo é também 'boxeur'. E dos mais vitoriosos" (*Revista Light*, 1937, p. 33 *apud* CORPAS, 2014, p. 37). Ao que parece, a dedicação do funcionário ao trabalho exposta na revista não foi suficiente para evitar os conflitos.

Um ano depois do acidente, em 23 de fevereiro de 1937, Bispo do Rosario é demitido por descumprimento de ordem e ameaça ao profissional que era seu superior. Foi devido à sua demissão da Light que a família Leone, com a qual Bispo do Rosario conviverá entre 1937 e 1960, se aproxima do artista. O patriarca da família, o advogado José Maria Leone, de-

fendeu os interesses de Bispo do Rosário promovendo um acordo de indenização com a Light (CORPAS, 2014, p. 44).

Em 22 de dezembro de 1938, ainda na condição de empregado da família Leone, Arthur Bispo, tomado por um surto, foi contido após ter se dirigido ao Mosteiro de São Bento, no Rio de Janeiro. A partir daquele dia, seu passado de marinheiro e destacado atleta de boxe passaria a compor suas obras. Marca-se, aqui, o crepúsculo do marinheiro-boxeador. Registra-se o nascer do “louco” e a lenta construção do artista, com momentos de pausas, silêncios e quedas. De soerguimento e revitalizações inacabadas. Uma nau sempre a navegar. Um *boxeur* que nunca se entrega.

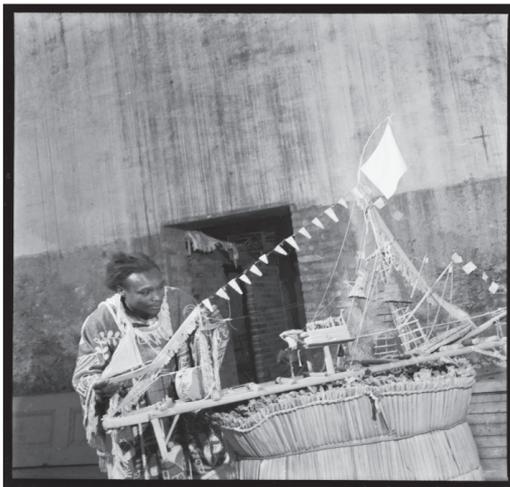


Figura 6. Bispo do Rosário observa sua embarcação embandeirada.
Fonte: Site do Museu Bispo do Rosário¹⁰

CONCLUSÃO

Bispo do Rosário se recusa a morrer. Sua arte vagueia entre mares, museus, céus e terras de parte do mundo. Aparece e reaparece, sem dormir, em livros, dissertações, filmes, teses, imagens, festivais, desfiles e canções. O que fica evidente, após esse breve mergulho na

trajetória do artista nordestino, é que na década de 1980 ocorre uma transmutação em outro personagem, que deixaria para trás o Arthur e incorporaria de vez o Rosário. Na mediação entre os dois, o Bispo, como uma espécie de elo entre os períodos de sua existência entre a vida e o *post-mortem*. No momento de seu desaparecimento físico, há o fenecer de Arthur Bispo e o nascer de Bispo do Rosário, o escolhido, como nas décimas de Wilson Freire e Antonio Nóbrega que compõem a letra da arrebatadora canção “Galope beira-mar para Bispo do Rosário” (2000).

*Juntando pedaços de panos, caixotes,
Com pregos, botões, colheres, canecos,
Flanelas, lençóis, agulhas, chinelos,
Brinquedos, moedas, um velho holofote,
Lutou contra todos, virou Dom Quixote,
Com lixo a empreitada pôde terminar,
Até que um anjo o veio buscar.
E aí, com meu Deus, fizeram parelha,
Saiu do hospício da praia vermelha,
Cantando galope na beira do mar.¹¹*

Entre linhas azuis, pontos, bordados, navios, uniformes, punhos, rendas, bandeiras, veleiros, estandartes, insígnias e canhões, ele construiu o seu mundo.

Ancorado em autores e autoras de excelentes pesquisas que tiveram o Bispo como tema, reforço as análises que sustentam a importância que os signos do mar têm sobre o imaginário do artista Arthur Bispo do Rosário. As alegorias de suas obras que o alçaram à condição de “artista” internacionalmente conhecido passam, indubitavelmente, pelo universo da marinharia, da chamada arte naval e das cenas nas quais foi protagonista no mundo esportivo.

Bispo é muitos em um. Foi grumete, o cabo especialista em sinais náuticos, o marujo de bronze, o lobo do mar, o racializado *boxeur* do indigesto e detes-

tável epíteto “colored”. Foi o *sparring*, o comentarista, o resistente, o lavador de bondes, o vulcanizador, o indisciplinado, o domesticado, o interno violento, o casto, o apaixonado.¹² Enfim, um gênio, para alguns. Nem tanto, para outros. Entre as peças bordadas por influência dos deva-

neios da razão e os inventários racionais organizados na sua lúcida “loucura”, podemos inferir que Bispo foi o construtor de um mundo à parte.

Ou seria... uma parte do mundo? Siga a luta.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Viviane T. *A invenção de Arthur Bispo do Rosário: loucura, arte e patrimônio cultural*. São Paulo: Letra e Voz, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 183-191.
- CORPAS, Flávia. Arthur Bispo do Rosário: do claustro infinito à instalação de um nome. *Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio*, Rio de Janeiro, 2014.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FERREIRA, Marcelo A. *Golpes no racismo...* Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/golpes-no-racismo-serviliode-oliveira-hebertconceicao-destacam-avancos-no-boxe-em-meio-seculo-25284844>. Acesso em 9 abr. 2023.
- HIDALGO, Luciana. *Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- HOMERO, Vilma. Visão especial da arte. *Tribuna da Imprensa*, 11 out. 1989, p. 13.
- LUCENA, Felipe. *Conheça a história do Arco do Teles*. Disponível em: <https://diariodorio.com/conheca-a-historia-do-arco-do-teles/>. Acesso em 9 abr. 2024.
- MARIA, Cleusa. Arte refaz o universo: obra de Bispo sai do hospício para uma exposição individual. *Jornal do Brasil*, 18 out. 1989, p. 4.
- RODRIGUES, Sérgio. O ‘colored’ do Itamaraty é ofensivo desde os anos 1960. *Revista Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/o-colored-do-itamaraty-e-ofensivo-desde-os-anos-1960/>. Acesso em 09 abr. 2023.
- SILVA, Victor Ernesto S. Colored, Black, Negro, Afro-American and what it is going to be: o discurso racista nas definições dos descendentes dos africanos na América. In: *Colire - I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras*. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-51.pdf. Acesso em 9 abr. 2023.
- TEJO, Cristiana. *Bispo do Rosário: o colecionador do mundo*. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/142/bispo-do-rosario--o-colecionador-do-mundo>. Acesso em 12 abr. 2023.

FONTES

Documentários

O PRISIONEIRO da passagem. Direção: Hugo Denizart. Youtube. 1982. 30min25s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8MzFTaOvsCQ>. Acesso em 10 abr. 2023.

WALTER Firmo: um olhar sobre Bispo do Rosario. Direção: Flávia Corpas. Produção: Livre Galeria. Youtube. 16 mar. 2015. 9min39s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37j0RWMcUQU>. Acesso em 14 abr. 2023.

Jornais (Hemeroteca Digital Brasileira)

A Batalha; Diário Carioca; Gazeta de Notícias; Jornal do Brasil; Jornal dos Sports; Tribuna da Imprensa.

Música

FREIRE, Wilson e NÓBREGA, Antonio. *Galope beira-mar para Bispo do Rosário*. Brasil: Phillips, 2000, CD (2min55).

NOTAS

- 1 Felizmente o livro está esgotado e não consegui acessar a obra. Neste artigo, farei referências através de autores e autoras que a consultaram. A publicação é da Nau Editora, Rio de Janeiro. Digo “felizmente” porque não é fácil esgotar um livro desta natureza no Brasil
- 2 Flávia Corpas ainda cita a importância do vídeo O Bispo (Gabeira, 1985) e da entrevista concedida por Bispo do Rosário à assistente social Conceição Robaina, em 1988. Ver CORPAS, Flávia, 2014, p. 26.
- 3 HOMERO, Vilma. *Visão especial da arte*. Tribuna da Imprensa, 11 out. 1989, p. 13.
- 4 MARIA, Cleusa. Arte refaz o universo: obra de Bispo sai do hospício para uma exposição individual. *Jornal do Brasil*, 18 out. 1989, p. 4.
- 5 LUCENA, Felipe. *Conheça a história do Arco do Teles*. Disponível em: <https://diariodorio.com/conheca-a-historia-do-arco-do-teles/>. Acesso em 09 abr. 2024.
- 6 Para um maior aprofundamento sobre o caráter racista do termo, ver SILVA, Victor Ernesto S. Colored, Black, Negro, Afro-American and what it is going to be: o discurso racista nas definições dos descendentes dos africanos na América. In: *Colíre - I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: Linguagens e Leituras*. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-51.pdf. Acesso em 9 abr. 2023. Ver também RODRIGUES, Sérgio. O ‘colored’ do Itamaraty é ofensivo desde os anos 1960. *Revista Veja*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/sobre-palavras/o-colored-do-itamaraty-e-ofensivo-desde-os-anos-1960/>. Acesso em 9 abr. 2023.
- 7 FERREIRA, Marcelo A. Golpes no racismo... Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/golpes-no-racismo-serviliodo-oliveira-hebertconceicao-destacam-avancos-no-boxe-em-meio-seculo-25284844>. Acesso em 9 abr. 2023.
- 8 Para a atuação como vulcanizador, ver: Arthur Bispo do Rosário. Disponível em: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>. Acesso em 12 abr. 2023. Para a Viação Excelsior, ver TEJO, Cristiana. *Bispo do Rosário: o colecionador do mundo*. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/142/bispo-do-rosario--o-colecionador-do-mundo>. Acesso em 12 abr. 2023.
- 9 Flávia Corpas cita que essa mesma matéria foi publicada no *Gazeta de Notícias* e no *Diário Carioca*.
- 10 Disponível em: <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>. Acesso em 14 abr. 2023. Provavelmente o autor das imagens é Walter Firmo, fotógrafo que publicou com José Castello uma reportagem para a revista Isto É, em 31 de julho de 1985, segundo consta no site aqui referenciado. Ver também Walter Firmo: um olhar sobre Bispo do Rosario. Direção: Flávia Corpas. Produção: Livre Galeria. Youtube. 16 mar. 2015. 9min39s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=37j0RWMcUQU>. Acesso em 14 abr. 2023.
- 11 FREIRE, Wilson e NÓBREGA, Antonio. *Galope beira-mar para Bispo do Rosário*. Brasil: Phillips, 2000, CD (2min55).
- 12 CORPAS, 2014, p. 43; 47; 71; 131; 194.